

As Orações do Missal Romano

A “lex orandi” revela a fé da Igreja

A autoridade da liturgia é superior à dos padres e teólogos¹.

Resumo

Quem estuda a liturgia deve ocupar-se de diversas disciplinas. Como a liturgia segue uma tradição, faz-se necessário estudar a história da liturgia. Especialmente o celebrante deve conhecer os princípios fundamentais de seu desenvolvimento como um crescimento orgânico. A teologia litúrgica estuda a liturgia como um mistério, a fim de aproximar os fiéis de uma compreensão da ação divina. O estudo das rubricas trata sobre o bom andamento e a execução do rito litúrgico. A eucologia estuda o tema das orações, as suas estruturas e o seu conteúdo. A liturgia da Palavra pressupõe um certo conhecimento bíblico. O método da liturgia pastoral quer incitar as pessoas à uma participação mais plena.

Muitas pessoas estudam a Bíblia, que é Palavra de Deus, para alimentar a sua fé; mas poucos conhecem a riqueza do conteúdo das orações litúrgicas. No entanto, são precisamente as orações que revelam a fé da Igreja segundo o lema “lex orandi, lex credendi”. Na liturgia da Palavra é Deus quem fala aos fiéis, nas orações litúrgicas a Igreja responde ao chamado de Deus. Estas orações são a voz da Igreja e uma expressão de sua fé.

Este artigo aborda o diálogo litúrgico dos homens com Deus, a necessidade de viver uma espiritualidade litúrgica e uma participação ativa e plena nas celebrações. Enfim, trata-se de meditar e assimilar o conteúdo das orações da Igreja. Os frutos da oração dependem da consciência da presença e da ação divina. Que a oração seja um impulso que sai do coração da Igreja e do coração de cada homem. Por isso é importante acompanhar

¹ Prosper GUÉRANGER, *Institutions liturgiques IV: Controvérsia litúrgica*, Sociedade Geral das Bibliotecas Católicas, Paris-Bruxelas 1885, 370.

as orações litúrgicas, quando o povo faz sua própria oração do sacerdote com as aclamações e o Amém. Desta maneira, a oração não é apenas um rito a ser cumprido, mas é a elevação da alma para Deus.

Summary

Those who study the liturgy have to deal with various disciplines. As the liturgy follows a tradition, it is necessary to study the history of the liturgy. In particular, the celebrant must know the fundamental principles of its development as an organic growth. Liturgical theology studies the liturgy as a mystery, in order to bring the faithful closer to an understanding of divine action. The study of rubrics deals with the proper conduct and execution of the liturgical rite. Eucology studies the theme of the prayers, their structure and content. The Liturgy of the Word presupposes a certain biblical knowledge. The method of pastoral liturgy aims to encourage people to participate more fully.

Many people study the Bible, which is the Word of God, to nourish their faith, but few know the rich content of the liturgical prayers. However, it is precisely the prayers that reveal the faith of the Church according to the motto “lex orandi, lex credendi”. In the liturgy of the Word, it is God who speaks to the faithful; in the liturgical prayers, the Church responds to God’s call. These prayers are the voice of the Church and an expression of her faith.

This article deals with the liturgical dialog between people and God, the need to live a liturgical spirituality and to participate actively and fully in the celebrations. In short, it’s about meditating on and assimilating the content of the Church’s prayers. The fruits of prayer depend on awareness of God’s presence and action. Let prayer be an impulse that comes from the heart of the Church and from the heart of every person. That’s why it’s important to accompany the liturgical prayers, when the people make the priest’s prayer their own with the acclamations and the Amen. In this way, prayer is not just a rite to be performed, but the elevation of the soul towards God.

* * *

Introdução

Com o Movimento litúrgico do século XX e depois no Concílio Vaticano II surge a discussão sobre o que fazer para que o povo de Deus possa viver melhor a participação ativa nas celebrações litúrgicas, que deve ser plena, consciente, corporal, espiritual, exterior e interior ou seja, para que possam obter delas maiores frutos de santidade. O texto da constituição *Sacrosanctum Concilium* insiste muito na formação litúrgica dos celebrantes como também dos fiéis (cf. SC 14-20, 30-31). Uma boa preparação é importante seja no conhecimento bíblico, na interpretação dos ritos pela mistagogia, como também pela meditação do conteúdo das orações. Uma coisa é conhecer bem as rubricas e realizar uma bela celebração, mas como escreve o Papa Pio XII em *Mediator Dei* 20-22, não é relevante tanto o aspecto externo, mas sobretudo a atitude interna do coração para uma frutuosa participação. Realizar bem os gestos externos e conhecer os seus significados é salutar para alcançar uma piedade interior e plena. Não menos importante, é meditar e compreender o conteúdo das orações pelo estudo que podemos chamar de ‘eucologia’ [de εὐχολογία - orar]. Como os textos são rezados, geralmente, nas línguas vernáculas, o fiel pode acompanhar melhor a oração do sacerdote, porém isto não dispensa que também se medite sobre o conteúdo delas. No entanto, tudo isto não é suficiente para levar a compreensão do mistério que celebramos, mas é o caminho para melhorar a qualidade das celebrações.

Levar os fiéis a viver a liturgia que celebram é um desafio da Igreja hoje. A maneira como os fiéis vivem a fé depende, em grande parte, de como eles vivem a liturgia. Isto significa viver daquilo que a liturgia nos oferece: o perdão invocado, a palavra de Deus ouvida, a ação de graças elevada, a Eucaristia recebida como comunhão. Desta maneira, a liturgia terá a energia espiritual essencial para ser a sua fonte da vida espiritual.

O objetivo da liturgia é a santificação do homem e é, de fato, através da santidade de vida que a glória é dada a Deus. Propondo-lhes a *lectio divina* aos fiéis, eles aprenderam um método para conhecer e compreender a Bíblia, uma chave interpretativa para que cada cristão possa acessar pessoalmente a Palavra de Deus contida nas Escrituras. Da mesma forma, a Igreja colocará os fiéis em condições de viver a liturgia, na medida em que saiba ensinar-lhes um método para compreender a liturgia que celebram. Por isso, é urgente ensinar um tipo de *lectio* da liturgia que permita aos cristãos compreender o significado dos textos e dos gestos litúrgicos para interiorizar o mistério que celebram. Isto significaria, por exemplo,

internalizar a dinâmica e o conteúdo da oração eucarística e assim nutrir a própria vida de fé com a fé da Igreja no mistério da Eucaristia.

Olhando atentamente, o adágio *lex orandi, lex credendi* é um princípio da vida de fé de cada cristão. Se a Igreja crê enquanto reza, então todo cristão também é chamado a crer enquanto reza. Assim como as Sagradas Escrituras, a liturgia também precisa ser compreendida, meditada, internalizada para se tornar oração. Não se trata de uma compreensão meramente intelectual, mas de uma compreensão espiritual e existencial que, no entanto, exige o esforço da inteligência.

Consideramos quatro aspectos para uma celebração plena e frutuosa:

1. A Missa é mistério, é presença e ação divina, o ator principal é Deus. É imprescindível a consciência da presença ativa de Deus e sua contemplação. A liturgia é obra de Deus em primeiro lugar, como o explica o Catecismo da Igreja Católica (nn. 1077-1112). As três pessoas divinas são os atores, o Pai (1077-1083), o Filho (1084-1090) e o Espírito Santo (1091-1109), a missa é o exercício do sacerdócio de Cristo. Uma atitude de silêncio pode levar a interiorização, especialmente após a comunhão eucarística e levar a uma profunda admiração sobre a ação divina.
2. A liturgia da Palavra se alimenta da Bíblia. É necessária a prática da *lectio divina* para que a palavra se torne mais eficaz e produza frutos. A liturgia da Palavra Deus é um convite, um chamado para uma missão divina. Quando é proclamada a Palavra, é Cristo mesmo que fala ao seu povo e os fiéis são assim instruídos nas verdades da fé.
3. A liturgia é celebrada com sinais (linguagem não verbal). A mistagogia é essencial para a devida compreensão do significado dos ritos e gestos. O rito litúrgico é imitação ou prolongação do mistério da Encarnação. Deus invisível se faz visível pelas cerimônias, já que o homem tem necessidade da celebração corporal e ainda por causa da dimensão social da celebração. Não basta um culto apenas espiritual, porque para edificar a comunidade da Igreja Deus se faz visível aos homens.
4. Ao chamado de Deus, a Igreja responde pela oração. O conteúdo das orações no Missal dá a forma do sacrifício e ao mesmo tempo exprime a fé da Igreja. O estudo da *eucologia* (o conteúdo das orações) revela o valor teológico das orações para que a fé da Igreja seja aprofundada. A oração é culto espiritual ou racional (λόγικη

λατρεία) que encontra o seu cume na oração eucarística como um sacrifício espiritual (λογικῇ θυσία).

I. O Missal Romano, fonte de espiritualidade

Muitos autores fazem a distinção entre o uso da linguagem verbal (Bíblia) e a linguagem não verbal (ritos e sinais). Mas não devemos esquecer as orações. O Missal (edições populares para os fiéis) é um instrumento para celebrar frutuosa e plenamente a liturgia eucarística, porque pela lei da oração (*lex orandi*), as suas orações apresentam o conteúdo da fé da Igreja (*lex credendi*).

Falar da liturgia como primeira escola de vida espiritual significa referir-se especificamente à celebração, seus textos, gestos e rubricas. Em particular, refere-se à celebração da Eucaristia como escola e mistagogia da vida espiritual em ação, onde tudo é, ao mesmo tempo, iniciação e experiência, compreensão do mistério na luz da fé e participação nele com referência à vida.

O Missal é o livro por excelência da celebração eucarística, porque oferece expressões para diversas circunstâncias durante a liturgia eucarística, celebrações por diversas intenções, missas votivas ou por diversas necessidades.

Um conjunto de grande riqueza espiritual, capaz de oferecer o melhor da espiritualidade da Igreja, com a segurança dos textos doutrinários que são expressão da Palavra de Deus ao seu Povo feito oração, mas também da piedade da Igreja, povo sacerdotal que responde ao seu Senhor... O Missal é uma experiência concreta de espiritualidade orante².

Em relação à espiritualidade litúrgica, destacamos três aspectos. Em primeiro lugar, ela nos oferece uma espiritualidade objetiva e universal. O Missal nos transmite ensinamentos que propõem a objetividade da doutrina da Igreja e a oferecem a todo o Povo de Deus, que celebra segundo o Rito Romano. Do Missal podemos afirmar o que Pio XI disse sobre a liturgia, referindo-se como “ensinamento constante e cotidiano da Igreja através dos textos oficiais de sua oração litúrgica”³.

² CASTELLANO, J., *Espiritualidade litúrgica* 2004, pp. 36-37.

³ Citado por B. CAPELLE, «Le Saint Siège et le mouvement liturgique», *Les Questions Liturgiques et Paroissiales* 3 (1936) 134.

Em segundo lugar, o Missal é também um compendio vivo da tradição espiritual da Igreja. É uma expressão da tradição da fé ao longo do tempo. Nos textos do Missal está contida e resumida uma história de fé e piedade que abrange vinte séculos. Nessa história encontramos os textos bíblicos do Novo Testamento, ecos da doutrina dos primeiros séculos, como na Oração Eucarística II e no Cânon Romano, no *Exultet* da Vigília Pascal. Sentimos o eco dos editores anônimos de orações e prefácios coletados. Notamos ainda fórmulas do século V de Leão Magno na liturgia do Natal. Há textos da época de ouro da liturgia romana, que se originam dos antigos sacramentários da Igreja de Roma dos séculos VI e VII. O Missal apresenta também um sabor medieval em outros textos, como as sequências da Páscoa, Pentecostes e Corpus Christi e textos que foram passados para o Missal Tridentino de Pio V de 1570.

O Missal, em sua edição típica de Paulo VI, de 1970-2002, apresenta reformas, simplificações, enriquecimentos e atualizações, de acordo com o teor do mesmo Ano Litúrgico renovado. Critérios de enriquecimento, de retorno às fontes, de adaptação, de renovação da linguagem e do conteúdo, marcam este Missal como expressão de uma Igreja que, no Vaticano II, retorna às fontes e adapta sua linguagem à sociedade atual, especialmente nas traduções para as línguas vernáculas. Qualquer um que celebre cuidadosamente alguns dos formulários de Missas para diversas circunstâncias e necessidades, pode perceber como a própria doutrina do Vaticano II aplicou os textos conciliares nos textos eucológicos.

Finalmente, em terceiro lugar, o Missal nos oferece riqueza e equilíbrio de espiritualidade. A riqueza se estende de uma parte do Missal a outra. Quem preside deve saber escolher as diversas formas de modo adequado e variado, segundo as circunstâncias: formas do ano litúrgico, festas do Senhor, da Virgem, dos santos, celebrações sacramentais ou rituais; missas e orações por diversas necessidades, missas votivas e missas pelos falecidos. Às orações eucarísticas com seus prefácios marcam o ápice da espiritualidade da Igreja.

O Missal torna-se assim o principal livro de piedade; ele abre à nossa visão a rica liturgia da Igreja, formada ao longo da história sob o sopro vivificante do Espírito Santo. O Missal nos faz rezar, não com fórmulas privadas, fruto da devoção individual, mas com a própria oração da Igreja, cuja oração é o eco da de Cristo e a expressão mais eloquente de seus dogmas e doutrinas. Na missa, o povo não é mero espectador, nem mera testemunha; os fiéis são atores interessados e responsáveis neste drama divino. As orações não são fórmulas reservadas aos sacerdotes, a Igreja

quer que elas sejam conhecidas. O Missal oferece aos fiéis os meios mais simples de entender a Missa e seguir suas orações.

II. O uso do Missal

O Papa São Pio X, ao falar do ato central do nosso culto, disse: “Não rezeis na Missa, mas rezai a Missa”, palavras que nos indicam claramente a importância para a alma da união com as próprias orações que a Igreja recita por meio de seu sacerdote naquele momento. O Missal contém a oração que a Igreja compôs como a expressão mais eloquente e profunda da sua adoração a Deus. O Missal é o guia seguro onde a Igreja, encarregada do cuidado de nossas almas, traça com solicitude maternal o itinerário que devemos seguir para chegar infalivelmente, por meio de Jesus Cristo, a Deus. Os fiéis, sob a direção de seus sacerdotes, temperam sua fé e sua vitalidade na fonte de uma sã e forte piedade católica para uma verdadeira participação plena.

O Missal dá à piedade cristã uma sólida base dogmática, juntamente com uma imensa amplitude de pensamento, ilustrando a fé e moldando lenta mas seguramente as virtudes que guiam a vida. Seu uso cotidiano faz recorrer os mistérios da vida do Salvador e familiarizar-se com as leituras da Bíblia, ensina a educar a própria sensibilidade e a expressá-la nas fórmulas de oração, liberta do estreito círculo de uma “piedade individualista” e permite penetrar no imenso campo da vida comum da Igreja, em sua oração oficial.

O uso do Missal, sobretudo, dá o verdadeiro sentido sobrenatural da Igreja, mediadora entre Deus e os homens, encarregada de apresentar a oração e o sacrifício diante do seu trono em nome da humanidade. O esquecimento do sobrenatural atribui-se a essa ignorância da oração da Igreja, a essa falta de compreensão do que é dito e realizado pelo sacerdote no altar. Faltando tal compreensão, necessariamente haverá fiéis distraídos ao assistir à missa, a superficialidade de sua fé na ação sublime que está sendo realizada. Para elevá-los à vida interior é necessário iniciá-los na vida de graça e de oração que a Igreja engendra; e isso é efetivamente alcançado pela compreensão dos textos através do uso do Missal.

Deveríamos ter a única devoção da Missa, rezar a nossa Missa, viver a nossa Missa e fazer com que ela seja para as nossas almas o que o divino Salvador pretendia: “uma fonte de água viva a jorrar para a vida eterna” (Jo 4,14). Entre os muitos preconceitos contra o uso do Missal, está o

daqueles que, embora compreendam suas vantagens, assustam-se com a falsa ideia de que ele seria muito complicado de usar. As regras são simples e claras e, especialmente aos domingos e dias festivos, são fáceis de seguir. Tudo depende de ter em mente alguns princípios essenciais e conhecer a missa que deve ser celebrada em cada dia, com a ajuda de um calendário litúrgico.

III. O Missal e a Escritura

A definição segundo a qual o Missal é o livro de oração é tanto mais verdadeira quanto mais se reafirma a primazia da Palavra de Deus contida nas Sagradas Escrituras; “contidas”, segundo a expressão da *Dei Verbum* 24: “As Sagradas Escrituras contêm a Palavra de Deus e, sendo inspiradas, são verdadeiramente a Palavra de Deus”. A primazia da Palavra de Deus contida nas Escrituras é um pressuposto tanto teológico quanto litúrgico; de fato, poderíamos dizer que ela é teologicamente correta, porque é antes de tudo litúrgica. No que diz respeito à teologia, a liturgia realiza o primado da Palavra de Deus de modo completamente original e fundamental, pois a liturgia faz do primado da Palavra um *ergon* (uma obra) da Igreja, isto é, um ato, uma ação realizada pela Igreja. A assembleia eucarística (a *ecclesia*) realiza a primazia da Palavra de Deus quando, celebrando sua fé, leva solenemente em procissão o livro do Evangelho, incensa-o, lê-o, comenta-o, beija-o, e faz tudo isso porque acredita que este livro contém a Palavra de Deus.

Portanto, as Escrituras e, mais notavelmente, o livro dos Evangelhos não são apenas um livro litúrgico, mas são o livro por excelência da liturgia, devido à relação essencial que une as origens das Escrituras cristãs com a liturgia. A assembleia litúrgica, como lugar originário da confissão da fé pascal, foi o cadinho e o ambiente principal para a gestação das Escrituras cristãs. De fato, o que é o Novo Testamento senão o testemunho original e, portanto, “canônico” da fé pascal da Igreja? Foi na assiduidade da Ceia do Senhor e na partilha da Eucaristia que a Igreja primitiva moldou progressivamente o testemunho da sua fé; e é esta assiduidade que o evangelista Lucas atesta no episódio dos discípulos de Emaús: “Ele o partiu e deu-lho, os olhos deles se abriram e o reconheceram” (Lc 24,30-31).

“A assembleia eclesial continua sendo o lugar onde os livros são guardados, lidos e explicados, pois foi neste lugar que eles foram escritos”⁴.

Durante os séculos II e III, o critério inspirador fundamental na formação do cânon das Escrituras foi a leitura litúrgica das Igrejas. Portanto, se a liturgia era o coração das Escrituras cristãs, ainda hoje ela continua sendo o ambiente vital das Escrituras. Quando os textos das Sagradas Escrituras são proclamados numa assembleia litúrgica, eles recebem vida e se tornam plenamente a Palavra de Deus dirigida “em ação” ao seu povo. Na liturgia da Palavra, Deus fala e, portanto, forma, molda, cria a comunidade. Reconhecer desta forma a primazia do livro da Escritura na liturgia significa, antes de tudo, obedecer à própria liturgia, que reconhece nos textos da Escritura uma qualidade superior, normativa em relação a qualquer outro texto e isto em vista da fé da Igreja.

A liturgia estabelece, assim, uma ordem de livros litúrgicos, uma ordem na qual o Missal não é o único livro litúrgico. Contudo, o Missal é certamente o livro que, mais do que qualquer outro, interage com as Escrituras: é a própria ação litúrgica que estabelece uma relação essencial entre o Missal e a Bíblia.

As orações do Missal são a resposta da assembleia litúrgica à escuta das Escrituras, a tal ponto que se, desde o início, a Igreja não tivesse escutado a Palavra de Deus contida nas Escrituras, não teríamos hoje o Missal em nossas mãos. Sem a escuta da Palavra de Deus na Igreja, não há texto litúrgico, não há Missal. Os textos litúrgicos do Missal são o fruto mais maduro da escuta eclesial das Escrituras; são o resultado da ‘alimentação da Palavra de Deus’ por parte da Igreja. Por esta razão, podemos dizer que o Missal é o livro da *lectio divina* que a Igreja realizou ao longo de sua história: *lectio, meditatio, oratio* não são apenas as fases da leitura pessoal das Escrituras que o cristão realiza em segredo, mas são os passos de cada liturgia. O Missal é a cristalização da *lectio* da Igreja que leu as Escrituras com diligência, meditou nelas e, meditando nelas, transformou-as em oração⁵. Basta mencionar aqui um dos prefácios da liturgia romana, o da mulher Samaritana, verdadeira e própria *meditatio* da página do Evangelho, que é lido no terceiro Domingo da Quaresma

⁴ P. GRELOT – C. BIGARÉ, *Introdução crítica ao Novo Testamento. V: A realização dos escritos*, Paris: Ddb 1977, 177.

⁵ Cf. E. BIANCHI, «A Palavra Pregada: A Eucaristia como Resultado da Escuta», em A. TERRIN (ed.), *Bíblia e Liturgia II: A Escritura cresce com a oração*, Pádua: Mensageiro da Abadia de Santa Giustina 1993, 49-67.

no ano A. O Evangelho nos relata a história do colóquio de Jesus com a mulher:

Cf. Jo 4,5-30: Quando pediu água à mulher samaritana ... Jesus promete 'água viva'. Depois a mulher anuncia Jesus como o Messias.	Prefácio do 3º Domingo da Quaresma: Ao pedir à Samaritana que lhe desse de beber, Jesus suscitava nela o dom da fé; e tão grande era sua sede pela fé dessa mulher, que acendeu nela o fogo do Vosso amor.	Em latim: Qui, dum aquae sibi petiit potum a Samaritana praeberi, iam in ea fidei donum ipse creaverat, et ita eius fidem sitire dignatus est, ut ignem in illa divini amoris accenderet.
---	--	---

O sentido e o valor desse prefácio, como de todo texto litúrgico, não é apenas transmitir determinados conteúdos, mas também escutar as Escrituras na dinâmica da celebração da fé. A liturgia não pode ser reduzida à mera escuta eclesial das Escrituras, mas a escuta das Escrituras deve ser entendida e vivida como parte integrante da celebração da fé.

Assim, afirmar a primazia da Palavra de Deus contida nas Escrituras e a relação essencial entre o Missal e a Bíblia significa determinar a qualidade litúrgica do Missal. A Bíblia nos apresenta os fatos históricos, é narração, embora também interpretação: o NT interpreta o AT; São Paulo interpreta o Evangelho. Certos textos do NT, como a Carta aos Hebreus, já contêm por si mesmos uma interpretação teológica. O Missal se refere às Escrituras, para se referir a toda a dinâmica da ação litúrgica, oferecendo um sentido teológico e exposição da fé.

Existe, portanto, uma verdadeira 'conjugalidade' entre a Bíblia e o Missal que nos recorda constantemente como a liturgia forma o coração da Bíblia e, ao mesmo tempo, uma afirmação que o Missal é o fruto maduro da escuta eclesial das Escrituras. Esta união deve ser levada em conta também no estudo das Escrituras, na exegese bíblica. Há uma exegese litúrgica e uma hermenêutica das Escrituras que não estão sendo estudadas na mesma maneira no Ocidente, enquanto a tradição litúrgica tem uma influência determinante na hermenêutica bíblica ortodoxa⁶. Todos os cristãos, mas em particular o pastor, o exegeta, o liturgista, são aqueles

⁶ Cf. J. BRECK, *O Poder da Palavra na Igreja adoradora*, Crestwood (NY): Seminário de São Vladimir, 1986.

que têm a Bíblia em uma mão e o Missal na outra. Nunca a Bíblia sem o Missal e nunca o Missal sem a Bíblia!

IV. O sentido da mistagogia

Afirma o Sínodo dos bispos de 1985: “A catequese, como já era o caso no início da Igreja, deve voltar a ser um caminho que nos introduz na vida litúrgica e, portanto, deve ser uma catequese mistagógica. [...] A catequese mistagógica deve penetrar e formar o tecido vital das comunidades cristãs”⁷.

Para fazer mistagogia precisa-se de mistagogos que têm a intuição e a capacidade de ver o sentido dos ritos que demandam conhecimento bíblico.

O conhecimento bíblico não é autêntico até que se torne uma celebração comunitária da aliança de Deus com seu povo. A mistagogia autêntica é aquela que relaciona os ritos com a história bíblica, conserva e narra o acontecimento da salvação que é a razão do rito litúrgico”⁸.

Portanto, o objetivo da mistagogia não é o rito em si, mas o evento salvífico que é celebrado através do rito. Por isso os sacerdotes são chamados a ser mestres em sua própria celebração litúrgica. A homilia deve retomar a sua natural dimensão mistagógica, anunciando o acontecimento da salvação a partir das leituras bíblicas. Trata-se de guiar em direção ao mistério, em grego *mystagogheîn*. A mistagogia é o método e o instrumento que a Igreja antiga nos legou para fazer com que os fiéis vivam daquilo que celebram. A mistagogia está intimamente ligada à realidade do mistério de Deus; ela é ordenada para aquele mistério do qual a liturgia é a epifania, a manifestação.

Falar de mistagogia significa recorrer imediatamente aos catecismos e homilias dos mais importantes Padres da Igreja. Contudo, esta referência imediata à catequese mistagógica dos Padres não esgota todo o valor e

⁷ Relatório Final da Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos (7 de dezembro de 1985), II, B, b1. O papa São João Paulo II, fazendo suas palavras do Relatório Final do Sínodo na Carta Apostólica *Vicesimus quintus annus* (4 de dezembro de 1988), (= VQA) no 25º aniversário da constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, insiste no caráter eminentemente espiritual da celebração litúrgica: um evento “de ordem espiritual” (VQA n. 14).

⁸ Cf. N. ALBANESI, «La mistagogia: un modello di mistagogia sacramentaria», *Ephemerides Liturgicae* 112 (1998) 178-186.

significado da mistagogia, que é, ao contrário, uma realidade muito ampla. A mistagogia é antes de tudo a ação litúrgica, enquanto isto significa testemunhar, que a liturgia é em si mesma mistagogia, isto é, capaz de ser uma epifania (revelação) do mistério.

Isto significa reconhecer na liturgia a prerrogativa de ser ação teologal, isto é, ação do próprio Deus, e através da celebração perceber o que ela significa. Como se sabe, São Bento, em sua *Regra*, não usou o termo “liturgia”, mas usa apenas a expressão ‘*opus Dei*’, obra de Deus. Definir a liturgia como *Opus Dei* equivale a atribuir à ação de Deus na liturgia da Palavra uma Palavra que é em si mesma ação, que realiza o que significa. A mistagogia estuda o sentido do rito e das rubricas e leva ao mistério de Deus contido nas Escrituras e na celebração litúrgica. Na estreita união entre Escritura e liturgia reside toda a inteligência espiritual que os Padres intuíram e concretizaram pela mistagogia.

A mistagogia começa com a pergunta: “O que esse rito significa para você?” (Ex 12,26). A tradição litúrgica judaica continua viva e encontra, ainda hoje, sua relevância no livro do Êxodo. Esta é a pergunta que a Igreja, nos tempos antigos, também fazia aos seus filhos mais novos, os catecúmenos e os neófitos. O rito litúrgico, se não estiver constantemente ligado ao acontecimento histórico do qual nasceu e do qual é memorial, torna-se “mudo”, “inexpressivo”, ou então torna-se uma imagem que não nos coloca em contato com o Deus vivo.

No Novo Testamento o termo “mistagogia” nunca aparece para designar a iniciação no mistério, nem o título e a função de mistagogo são atribuídos a Jesus. A partir dos séculos III e IV, em ambientes imersos na cultura grega, como Alexandria e as Igrejas da Ásia Menor, autores cristãos deram um passo decisivo. Os Padres não adotaram o conceito grego de ‘mistério’, pois para os gregos o mistério era uma realidade que devia permanecer oculta e não podia ser falada. A compreensão grega do mistério é exatamente oposta à judaico-cristã, porque o mistério é, neste caso, a revelação do segredo de Deus, da sua vontade. Em consequência, os Padres da Igreja limitam-se a reconhecer no termo grego *mystagoghía*, o seu sentido de iniciação nos mistérios do culto.

A tipologia consistia em interpretar os acontecimentos e as figuras (*ty-poi*) do Antigo Testamento para descobri-los já prefigurados, já presentes em figura no mistério de Cristo. A mistagogia, entendida como “tipologia aplicada à liturgia”, relaciona a liturgia aos acontecimentos da história da salvação, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. No entanto, o

método tipológico aplicado pelos Padres à liturgia teve desenvolvimentos diversos e múltiplos, segundo os diferentes contextos eclesiais e escolas exegéticas, e assim a mistagogia foi progressivamente revelando como em cada ação litúrgica se cumprem os anúncios de Jesus.

Os Padres também ensinam como a ação litúrgica é, na realidade, a ação do próprio Cristo e, como tal, não é separada da ação do Pai e do Espírito. Dirigindo-se aos neófitos para a catequese batismal, João Crisóstomo afirma:

Não é somente o ministro que toca a cabeça, mas também a mão direita de Cristo. O ministro é apenas um instrumento da graça e que não faz nada mais do que estender a mão. Quem realiza tudo é o Pai, o Filho e o Espírito Santo⁹.

Como a mistagogia é uma verdadeira teologia do mistério litúrgico, capaz de revelar o mistério de Cristo, envolve toda a existência do cristão. Assim como as Escrituras escondem um significado espiritual sob a casca do *graphé*, também a liturgia esconde um significado espiritual sob a casca do *ergon*, da ação, do gesto, do rito. O rito é para a liturgia o que o papel é para as Escrituras. Por esta razão, a liturgia, como as Escrituras, requer compreensão espiritual e penetração profunda. Para os Padres não é necessário apenas uma simples iniciação à liturgia, mas sim, a partir da liturgia, uma compreensão do mistério, do único mistério contido nas Escrituras e celebrado na liturgia: o mistério de Cristo. A liturgia, conhece-se ouvindo, conhece-se dizendo, conhece-se vendo, cheirando, tocando, de modo que os sentidos são o caminho para o conhecimento.

Jesus Cristo, o mistagogo

A pergunta que Filipe faz ao oficial etíope de Candace, nos Atos dos Apóstolos, quando ele tentava ler o profeta Isaías – “Você entende o que está lendo?” (At 8,30) – também se aplica à liturgia: “Vocês entendem o que estão celebrando?” A resposta é a mesma do etíope: “E como poderei entender, se ninguém me guia?” (At 8,31).

Os Padres afirmam que Jesus é um mistagogo, e que “tudo o que Jesus fez e ensinou desde o princípio” (At 1,1) era uma iniciação no mistério de Deus. O lava-pés é uma mistagogia. O gesto do escravo se torna o rito de Deus. Depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus senta-se novamente à mesa e pergunta aos seus discípulos: “Vocês entendem o que eu fiz por

⁹ JOÃO CRISÓSTOMO, *Catequese batismal* 6,26.

vocês?” (Jo 13,12). E Jesus se torna o intérprete, ou melhor, o exegeta e mistagogo daquele gesto: “Se eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros” (Jo 13,14). Também o gesto de lavar os pés contém o mistério de Cristo. Toda a relevância da mistagogia para a Igreja, para o anúncio do Evangelho hoje, na medida em que a mistagogia não é um método entre outros possíveis, não é uma simples escolha pastoral entre muitas, mas é para saber o que Cristo faz hoje na liturgia pela sua Igreja.

Quando a Igreja pratica a mistagogia, ela se torna serva de Cristo, o mistagogo, e dá ao cristão a capacidade de se tornar na liturgia um *epóptes*, uma ‘testemunha ocular’ (cf. 2Pd 1,16) do mistério de Deus. Clemente de Alexandria escreve:

Aquele que ainda é cego e surdo, sem inteligência e sem o olhar ousado e penetrante de uma alma que quer contemplar, esse olhar que só o Salvador pode conceder, deve ainda permanecer fora do coro divino [isto é, da celebração], como um ‘não iniciado nos mistérios’ (*amyēton*), como alguém que não tem sentido musical na dança¹⁰.

O conhecido ditado de Jerônimo: “*Ignoratio Scripturarum, ignoratio Christi est*”¹¹, [não conhecer as Escrituras significa não conhecer Cristo] se pode aplicar da mesma forma, “*ignoratio liturgiae, ignoratio Christi est*” [não conhecer a liturgia significa não conhecer Cristo].

O plano divino secreto, somente Deus pode revelar aos seus servos, os profetas, como Amós anuncia: “O Senhor Deus não faz nada sem ter revelado o seu plano aos seus servos, os profetas” (Am 3,7). E o mistério é para o apóstolo a vontade de Deus de “recapitular em Cristo todas as coisas, tanto as que estão no céu como as que estão na terra” (Ef 1,10), e por isso, em síntese, o próprio Cristo se revelou plenamente pela sua morte na cruz. O próprio Jesus que, no contexto da explicação aos seus discípulos das parábolas do reino, afirma: “a vós foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus” (Mt 13,11; cf. Mc 4,10; Lc 8,10).

“Ninguém jamais viu a Deus. O Filho unigênito de Deus, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1,18). «Ele o ‘revelou’ (*exeghésato*)»: Jesus fez exegese de Deus. Ele é o Ressuscitado que, revelando-se aos onze, «abre-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras» (Lc 24,45). Os Padres da Igreja certificam, que não só as Escrituras, nem os

¹⁰ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromates* V,4,19,2.

¹¹ SÃO JERÔNIMO, *Comentário a Isaías*, Prólogo.

ritos, textos e gestos litúrgicos são suficientes para inspirar a confissão da fé pascal, mas que é o Ressuscitado, pelo poder do Espírito Santo, que se torna mistagogo e abre o nosso entendimento ao conhecimento da liturgia. Afirmar, a partir de uma perspectiva de fé, que a mistagogia é uma ação eminentemente cristológica, significa, portanto, estar ciente de que a inteligência do crente por si só não é suficiente para compreender o mistério oculto na liturgia. A revelação do mistério de Deus é sempre um ato divino, porque somente Ele pode revelar o mistério. A mistagogia é em si mesma a resposta que a Igreja sabiamente sabe dar à questão sobre o sentido autêntico da liturgia.

O que a *lectio divina* é para as Escrituras, a mistagogia é para a liturgia. O estudo das orações no Missal leva ao conhecimento da fé da Igreja.

V. Testemunho do vínculo entre “*lex orandi*” e “*lex credendi*”¹²

Fielmente fundado na Escritura, o Missal é o conjunto de textos nos quais a Igreja reconhece a sua fé e se identifica com ela. Desde o início, a Igreja sempre sentiu que o conteúdo de sua oração estava intimamente relacionado à sua fé, que o que ela orava expressava o que ela acreditava. Neste sentido, pode-se dizer que o Missal é o livro que testemunha o vínculo entre *lex orandi* e *lex credendi*. Isto porque é um lugar normativo e canônico para a oração da Igreja que atesta a sua fé. Assim como a Igreja estabeleceu um cânone para as Escrituras, ela também estabeleceu o cânone [regra] da oração por meio da criação e seleção progressiva de textos litúrgicos. Nem todas as orações poderiam ser orações litúrgicas, de modo que aquilo que a Igreja não incluiu inicialmente na sua oração, mais tarde nos sacramentários e finalmente nos missais, não tem o status de oração litúrgica. No Missal está contida a oração da Igreja, e ao mesmo tempo se poderia dizer à cada cristão: “aqui, você pode encontrar o cânone da sua oração”.

O Missal é entendido como *ordo orationis*, isto é, como norma das palavras (textos) e norma dos gestos da oração da Igreja (rito). Compreender corretamente o adágio atribuído a Próspero da Aquitânia significa reconhecer que a *lex orandi* – interpretada em sua amplitude e complexidade, e segundo sua própria inteligência – permite o acesso imediato

¹² Cf. Goffredo BOSELLI, *El sentido espiritual de la liturgia*, CPL, Barcelona 2019.

e completo à regra da fé, a *lex credendi*. A lei da oração entendida como o uso universal da Igreja, baseado em um fundamento bíblico, indica o caminho da maneira correta de crer”.

É necessário tomar consciência de como o Amém, por meio do qual a assembleia faz seu e ratifica o conteúdo do texto litúrgico, é a expressão máxima da consciência de que em cada oração litúrgica se expressa a fé da Igreja. Por isso não há oração litúrgica sem o Amém da assembleia, isto é, sem aquele selo com o qual a assembleia diz: “Sim, esta é a nossa oração, esta é a oração da Igreja”. O Amém litúrgico é, por assim dizer, um corolário da confissão do artigo de fé “creio na Igreja”. Neste “creio na Igreja” está implicitamente contido “creio no que a Igreja reza”. Portanto, se o Amém litúrgico explicita o que está implícito no símbolo da fé, o Amém é o consentimento da fé à oração da Igreja. Portanto, o Missal, como livro que testemunha o vínculo entre *lex orandi* e *lex credendi*, indica plenamente o modo correto de crer.

Contudo, estamos hoje convencidos, tanto na reflexão teológica sobre a fé da Igreja como na animação da vida do corpo eclesial, de que a liturgia pode indicar eficazmente o modo correto de crer? Estamos convencidos de que também as palavras de oração e os gestos de oração contidos no Missal podem ser o lugar autorizado para conhecer e aprender a fé da Igreja? Estamos convencidos de que, ao ensinar alguém a rezar, essa pessoa é ensinada a crer? Estamos hoje cientes do papel que a liturgia desempenha no conhecimento da fé dos cristãos? Possuímos aquele nível de consciência demonstrado pelos padres do movimento litúrgico, como Prosper Guéranger escreveu em sua obra *Institutions liturgiques*: “A autoridade da liturgia é superior à dos padres e dos teólogos”?

VI. O Missal, matriz da oração

Aprofundemo-nos no seguinte aspecto: se as Escrituras e a tradição são a *regula fidei*, o Missal é certamente a *regula orationis*, isto é, o modelo, o critério, a norma da oração cristã. É como se através do Missal a Igreja dissesse a cada cristão: “Toma, lê. Este é o cânone da tua oração”. O Missal como instrumento é a matriz da oração cristã no sentido de “mãe”. O Missal é o instrumento que preserva a marca original da oração cristã, para que a oração de cada cristão possa ser a reprodução e imagem fiel da figura original. O Missal ensina a gramática da oração:

o que é a oração cristã, a quem deve ser dirigida, como ela é formulada e o que devemos pedir.

Para poder pretender ser litúrgica ou eclesial, uma autêntica eucologia deve observar alguns critérios fundamentais:

- inspiração verbal e conceitual nos dados da revelação;
- autêntica confissão da fé católica;
- nobre dignidade na redação literária;
- viva expressão da fé do povo e das riquezas culturais que podem ser assumidas na oração cristã.

Na IGMR n. 8 e 15 exprime-se explicitamente os propósitos da eucologia do Missal Romano: uma ampla recuperação da “tradição dos santos padres” e uma adaptação à linguagem teológica da Igreja de hoje. A liturgia é um colóquio entre Deus e seu povo, entre Cristo e sua Esposa (cf. SC 84). A oração litúrgica consiste no diálogo da comunidade eclesial com o Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo; como expressão da oração de toda a comunidade que celebra, é a forma característica e eminente da oração da Igreja. O caráter simbólico-sacramental, a estrutura trinitária e comunitária, a dimensão rememorativa e atualizada, que tem toda oração litúrgica, transformam-na num verdadeiro sinal sagrado que possui uma eficácia não superada por nenhuma outra forma de oração.

Eucologia significa propriamente a teoria da prece (de *euché*: oração e logos), isto é, a ciência que se ocupa das orações e das leis que regem sua formulação. Não obstante, a palavra é usada em um sentido mais amplo para referir-se ao conjunto de orações contidas no formulário litúrgico, em um livro ou, em geral, em toda a tradição litúrgica. Este é o uso mais frequente da palavra e de outras fórmulas litúrgicas.

As fórmulas eucológicas foram criadas pela Igreja para exprimir, com a linguagem da oração, o mistério da salvação que se celebra. O resultado, por conseguinte, é fruto de uma síntese entre a fé cristã e o gênio cultural e literário de um povo ou de uma Igreja particular, embora alcance dimensões universais como ocorreu, por exemplo, com o Rito Romano. Esse fato transforma a eucologia em uma das principais manifestações do espírito de determinada tradição litúrgica. A outra grande manifestação é constituída pelos Lecionários bíblicos.

A eucologia de nossos livros litúrgicos atuais é constituída por um fundo que procede, em grande parte, dos sacramentários romanos compostos entre os séculos VI e IX, com base em formulários e peças, ainda mais

antigas, procedentes de autores quase sempre desconhecidos, embora a crítica literária tenha conseguido identificar muitos textos compostos pelos Papas Leão Magno, Gelásio, Virgílio e Gregório Magno. Nos atuais livros litúrgicos, encontram-se também orações compostas expressamente para esses livros, durante a etapa de aplicação da reforma litúrgica promovida pelo Vaticano II.

Costuma-se dividir a eucologia em maior e menor, a depender da extensão e da importância das orações. A eucologia maior abrange os prefácios, as preces eucarísticas, as orações de ordenação, bênção ou consagração e as bênçãos solenes da missa. À eucologia menor pertencem as formas típicas da eucologia romana na missa: as coletas, as orações sobre as oferendas e depois da comunhão.

1. A prece eucarística

A prece eucarística da missa é definida pela IGMR como oração de ação de graças e santificação (cf. IGMR 54), tendo recebido também os tradicionais nomes de anáfora, entre os orientais, e *canon actionis* ou *cânon*, entre os ocidentais. Seu sentido é o de que toda a assembleia se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oferenda do sacrifício (IGMR 54). Por esse motivo, é ela pronunciada por aquele que preside a celebração, em voz alta, em nome de toda a assembleia.

A Oração Eucarística [gr. anáfora] não é apenas o texto eucarístico mais importante, mas é a síntese mais elevada e expressiva da oração cristã. Pelo seu conteúdo, pela sua estrutura e em sua dinâmica, a anáfora representa o microcosmo da oração cristã, a tal ponto que o crente que é autorizado a penetrá-la com inteligência espiritual está verdadeiramente preparado para atingir o coração da oração cristã. Primeiro, a anáfora ensina ao cristão o movimento da oração para a pessoa que ora.

A Oração Eucarística é sempre dirigida ao Pai, por meio do Filho, no Espírito Santo: este é o movimento da Oração Eucarística, porque é o próprio movimento da revelação do mistério de Deus. A revelação é a revelação do Pai, por meio do Filho, pelo poder do Espírito Santo: o movimento da revelação dá forma ao movimento do ato de fé do homem, onde a oração é parte essencial. Com raríssimas exceções, a antiga tradição da anáfora atesta que a oração é sempre dirigida a Deus Pai, colocando-se em perfeita continuidade com a oração judaica e, ao mesmo tempo, obedecendo ao mandamento dado por Jesus aos seus discípulos: “Quando orardes, dizei: Pai” (Lc 11,2; cf. Mt 6,9). Também é a oração

no Filho. Dirigir a própria oração ao Pai é para o cristão o caminho para compreender que a sua oração, mesmo a mais solitária, nunca é a oração de uma pessoa, de um indivíduo, mas a oração daquela comunidade de filhos e irmãos da qual ele faz parte. Sempre é um entrar na intimidade que leva o Filho com o seu Pai.

A oração dirigida ao Pai é a impossibilidade radical de a oração cristã ser privada, porque é toda a Igreja que reza nele. A anáfora ensina ao cristão o que é sua oração: é ação de graças no duplo movimento de anamnese e intercessão. A anamnese é, sobretudo, uma recordação das *mirabilia Dei*, das obras de salvação realizadas por Deus na história humana. Isto diz que a oração do cristão deve ser antes de tudo uma lembrança da ação de Deus, porque através do que Deus fez pelo homem, o homem conhece quem é Deus. Na anamnese insere-se o movimento da epiclese e das intercessões, onde se pede a Deus que continue hoje e no futuro o que já conquistou no passado. Pela oblação a Igreja oferece o sacrifício de Cristo ao Pai. A anáfora ensina ao cristão o que pedir. Basta recordar aqui os três dons que são constantemente pedidos nas orações eucarísticas: a unidade, a paz e a perfeição no amor. Estes são os elementos da parênese que Paulo dirige aos cristãos de Éfeso, a quem exorta a viver no amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz (cf. Ef 4,2).

A intercessão da anáfora confirma que o sentimento da liturgia se torna um todo, moldada pelo sentimento apostólico atestado pelas Escrituras. Um sentimento apostólico que encontramos novamente corroborado em Inácio de Antioquia, o “Teóforo”, quando convida os cristãos de Filadélfia a buscar a unidade na Eucaristia:

Procurai ter uma única Eucaristia. Porque uma só é a carne de nosso Senhor Jesus Cristo, e um só é o cálice que nos une no seu sangue. Um é o altar, assim como o bispo, juntamente com o presbitério e os diáconos”¹³.

2. O prefácio

Outra categoria de orações no Missal são os prefácios, dos quais encontramos 106 na terceira edição do MR de 2002. Na sua parte central (‘embolismo’, ‘cunho’ ou ‘enredo’), que exprime o caráter em relação ao mistério ou à festa celebrada, encontra-se a interpretação do mistério de Cristo em forma de oração. O embolismo é a parte peculiar e original de cada prefácio. Trata-se do bloco sempre variável, no qual se especifica

¹³ INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Filadelfos* 4.

o “motivo” ou carácter particular da celebração. São dadas graças pelo mistério da fé celebrado, ou, em geral, pelos grandes acontecimentos da História da Salvação. Costuma ser construído sobre frases paralelas, sucessivas por vezes, antitéticas em outras, mas sempre encadeadas. A última oferece a motivação principal do louvor, de maneira que o protocolo final se liga a ela com a expressão explicativo-causal: “Por isso cantamos... Santo, Santo, Santo”.

3. A eucologia menor

Outro tipo de orações, são as orações presidenciais em cada formulário de Missa (coleta, oração sobre as oferendas, e oração após a comunhão). Na terceira edição do Missal Romano (MR2002) após a reforma do Vaticano II, encontram-se 694 orações de coleta, 486 orações ‘*super oblata*’ [sobre as oferendas], 488 orações ‘*post communio*’; 503 antífonas de introdução, 539 antífonas da comunhão.

As formas típicas da eucologia menor se mantiveram praticamente inalteradas desde seu aparecimento nos antigos sacramentários. Uma característica de todas as orações abarcadas pela eucologia menor é fazer parte de uma ação ritual específica, no conjunto de toda a celebração, mas sempre em torno de um centro de interesse.

A coleta encerra os ritos iniciais e centra-se na comunidade já congregada, enquanto a ‘oração sobre o povo’, centrada também sobre a comunidade, pertence ao rito de despedida. A oração sobre as oferendas situa-se no final do rito do ofertório, a apresentação dos dons sobre o altar, e a oração pós-comunhão serve para concluir o rito da comunhão. Estas últimas duas, mediante a ação de graças; uma antes e outra depois da grande prece eucarística, respectivamente, têm como centro de interesse os dons eucarísticos.

As outras orações que consideramos como eucologia menor, as preces conclusivas das horas do Ofício Divino e as coletas sálmicas, têm igualmente uma funcionalidade muito específica sobre o carácter própria da celebração. Devemos mencionar outras orações litúrgicas que incluímos na eucologia menor e que pertencem a toda a assembleia: a oração dos fiéis, as litánias e as preces das laudes e das vésperas. Embora em sua execução, intervenham também diversos ministros, constituem ainda um gênero muito peculiar em que se mesclam as fórmulas oficiais dos livros litúrgicos e as fórmulas espontâneas ou preparadas *ad hoc* sem carácter

oficial. Caracterizemos em particular as três orações de um formulário de Missa:

4. A oração coleta

No âmbito da eucologia menor, a coleta é a oração de maior importância. Sua variabilidade, em função das diversas celebrações, enfatiza a incidência que ela tem no formulário litúrgico de um tempo ou de um dia particular.

Depois da exortação do presidente da assembleia à oração pessoal e silenciosa (cf. IGMR 32), a coleta, segundo a etimologia mais provável, recolhe as intenções de cada um dos fiéis em uma única oração dirigida ao Pai, por Cristo no Espírito Santo. É uma oração de introdução da missa que por outro lado, pode-se dizer, abre a liturgia da Palavra. Com efeito, os ritos introdutórios dispõem a assembleia a uma proveitosa escuta da Palavra de Deus. A oração coleta pode conter os seguintes elementos estruturais:

- Invocação de bênção ou louvor;
- Evocação ou anamnese da obra salvífica;
- Petição ou súplica;
- Conclusão doxológica.

Assim, por exemplo, na oração coleta da missa do dia da solenidade de Pentecostes, é dito:

Pai, que neste dia de Pentecostes santificas tua Igreja em todos os povos e nações; derrama os dons do Espírito Santo sobre todos os cantos da terra e não deixes de realizar hoje, no coração dos fiéis, as mesmas maravilhas que operaste no início da pregação do Evangelho. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

5. Sobre as oferendas

Esta oração, de origem tipicamente romana, contribui para compor a eucologia específica da celebração eucarística. Tal como a pós-comunhão, refere-se direta e primordialmente ao mistério eucarístico. Sua finalidade é dispor o pão e o vinho para o sacrifício eucarístico. Ela tem a função de concluir a preparação dos dons e de servir de prelúdio; Normalmente, sua estrutura abarca os elementos antes mencionados: invocação, evocação, petição e conclusão. Assim, por exemplo, na missa da Ascensão do Senhor reza-se:

Apresentamos-te, Senhor, nosso sacrifício neste dia da gloriosa Ascensão de teu Filho; que este divino intercâmbio nos faça viver no reino de Jesus Cristo ressuscitado. Que vive e reina pelos séculos dos séculos.

6. Pós-comunhão

A pós-comunhão faz parte da estrutura da missa desde a Antiguidade. A obra de renovação do Missal Romano de Paulo VI contribuiu para ressaltar a função litúrgica e o valor teológico desta oração. Ela tem a função de concluir os ritos da comunhão e de introduzir os fiéis na pós-celebração (cf. IGMR 56), estabelecendo uma relação direta com o sacrifício eucarístico celebrado de duas formas: considerando-o na unidade de toda a celebração, ou fazendo referência expressa à comunhão eucarística. Ela apresenta os elementos estruturais já mencionados. Assim, por exemplo, a oração depois da comunhão do primeiro domingo do Advento diz:

Pai nosso, que a participação neste sacramento nos renove e nos santifique; e, embora peregrinos neste mundo, sejamos responsáveis por tua transformação e aprendamos a amar e a esperar os bens eternos, por Jesus Cristo Nosso Senhor.

A Igreja é verdadeiramente Corpo de Cristo quando é uma, isto é, quando vive essa comunhão plena, fruto da caridade e da paz. É por isso que a oração litúrgica se limita a invocar a unidade, a paz e a caridade, demonstrando um conhecimento consciente do que é a Igreja.

A oração litúrgica ensina aos cristãos que nem tudo pode ser objeto de petição, mas apenas o que é essencial e vital. A anáfora ensina como a oração cristã deve ser uma oração cósmica, em comunhão com toda a criação. “Com a nossa voz, nós, as restantes criaturas, aclamamos o teu nome cantando”, termina assim o prefácio da Oração Eucarística IV, quase imitando a conclusão de todo o saltério, que no último versículo do Salmo 150 canta: “Todo ser vivo, louve ao Senhor” (Sl 150,6), tudo o que tem fôlego de vida louve ao Senhor. “Através da nossa voz as outras criaturas”, isto é, na voz do homem que canta a glória de Deus três vezes santo, é a voz de todo ser criado, sábio e ignorante, animado e inanimado. Entre os seres criados por Deus, somente o homem pode tomar toda a criação em suas mãos para oferecê-la em ação de graças a Deus, tornando-se assim o sacerdote da criação. Neste “por meio da nossa voz, o resto das criaturas”, a anáfora atesta como o cristão, quando reza, deve estender sua oração a toda a criação, porque não pode deixar de estar ciente de que nele toda a

criação, que geme e sofre, está orando, expressando sua impaciência na espera da revelação dos filhos de Deus (cf. Rm 8,19).

Um último elemento da oração litúrgica como matriz da oração cristã é um elemento apropriado e talvez exclusivo dos textos do Missal Romano. Mais do que qualquer outra eucologia, a do Missal educa o cristão na simplicidade e essencialidade da oração. Sabe-se que, em relação aos textos de outras tradições litúrgicas cristãs, tanto do Oriente como do Ocidente, os textos da liturgia romana caracterizam-se pela *concisão*, isto é, pela elegância sóbria, brevidade e precisão, característica essa considerada um dos elementos que contribuem para formar o “gênio” da liturgia romana. Surpreende-nos quando, por exemplo, comparamos a extensão e a prolixidade de uma *illatio hispano-moçárabe* com o estilo conciso do prefácio latino.

A essencialidade dos textos litúrgicos romanos parece ser um reflexo das arquiteturas litúrgicas nas quais eles nasceram: românico e gótico, estilos arquitetônicos severos em suas linhas e essenciais em suas formas. A pedagogia da oração litúrgica latina faz com que o cristão empreenda um caminho lento e difícil para encontrar a essência da sua oração, para remover o supérfluo, para purificar o conteúdo e a forma. Romano Guardini escreveu: “A oração litúrgica deve ser uma disciplina longa e rigorosa”¹⁴. O conceito de disciplina encaixa muito bem com as características da pedagogia da liturgia romana. Ela ensina uma verdadeira disciplina espiritual que se mostra em profunda harmonia com o antigo ensinamento da oração dos Padres, que insistiram fortemente na natureza, na qualidade da oração cristã e na grande vigilância para não se distrair com a verbosidade das palavras e fórmulas.

No vigésimo oitavo degrau da *Escada*, João Clímaco adverte:

O uso de muitas palavras na oração muitas vezes dispersa a mente que fica cheia de imagens, enquanto a repetição de uma única fórmula muitas vezes a reúne¹⁵.

Uma única palavra, ou o essencial, evita que o orante se disperse e se fragmente. Observando a oração dos padres do monaquismo egípcio, João Cassiano observa: “Eles não se compraziam no grande número de versos, mas na capacidade de penetrar seu significado com a mente”¹⁶.

¹⁴ R. GUARDINI, *Formação Litúrgica. Saggi*, Milão 1988, 91.

¹⁵ JOÃO CLÍMACO, *A Escada* 28.9.

¹⁶ JOÃO CASSIANO, *Instituições Cenobíticas* II,11,1-2.

E, finalmente, a frase de um padre do deserto, Antíoco de São Sabas (o Monge), que paradoxalmente define o que deve ser a oração do monge: “A oração do monge deve ser incessante e breve”¹⁷. Os textos litúrgicos do *Missal Romano* testemunham, portanto, à sua maneira, que a simplicidade, a essencialidade e a brevidade são os objetivos últimos da oração cristã. Uma oração que deve ser ao mesmo tempo incessante e breve: é incessante quando toda a existência do cristão se tornou um sacrifício de louvor, é breve quando, depois de uma longa disciplina, ele chegou ao essencial, nada mais e nada menos do que isso é suficiente.

VII. O Missal como intérprete da Palavra de Deus

Paradoxalmente, toma-se hoje maior consciência de um fato por si evidente: a liturgia deve ser autenticamente orada. Trata-se de recuperar plenamente o sentido contemplativo e teologal de toda expressão litúrgica como autêntico diálogo com Deus, criando o clima de fé adequado.

Afirmava o Padre Cipriano Vaggagini que “as orações do Missal são a Palavra de Deus em chave de prece plegária”¹⁸. Nas orações do Missal encontra-se um admirável tesouro para descobrir. Meditar as orações do Missal é uma autêntica *lectio divina*, para viver a espiritualidade litúrgica.

Isso exige recuperar os ritmos de silêncio, a vibração com a qual nos identificamos com as fórmulas de oração (que não são textos para ler ou recitar, mas expressões da relação com o ‘Tu’ inefável de Deus Pai ou de Cristo Senhor); comporta do mesmo modo a animação com o canto, para tornar a assembleia autenticamente orante, envolvendo-a nos sentimentos mais profundos e na expressividade dos gestos mais adequados. Uma liturgia autenticamente festiva e popular, tal como uma celebração sóbria, tem como medida de autenticidade a profundidade dos sentimentos. Uma animação adequada pode despertar sentimentos religiosos adormecidos, sugerir autênticos momentos de oração contemplativa, educar no diálogo com Deus, que depois se prolongará para além do momento litúrgico.

Trata-se, portanto, de devolver à celebração toda a sua verdade espiritual, de tal maneira que a celebração se desenvolva num clima contemplativo. É isso o que se indica no Documento de Santo Domingo: “Sem

¹⁷ Antíoco de São Sabas, *Pandectas* 26.

¹⁸ Citado em URTASUN, *ibid.* p. 9.

uma capacidade de contemplação, a liturgia, que é acesso a Deus por meio de sinais, transforma-se em ação carente de profundidade” (SD 37).

Dado que a celebração concreta se desenvolve no âmbito de um dinamismo de comunicação presidente-assembleia, não podemos deixar de assinalar a incidência fundamental do ministério do presidente para uma celebração participativa e frutuosa: pronunciar as fórmulas oracionais com atenção e dignidade, com unção e com rito, sem devorá-las.

Por outro lado, é preciso levar em conta a necessária catequese do povo. Por conseguinte, a pastoral litúrgica deve esforçar-se para que toda a celebração - com seu componente de oração - seja vivida como uma estimulante “experiência” espiritual.

A liturgia da Palavra

A Bíblia, com a sua idade de 2000 anos, o AT até de 4000 anos, conta a história da humanidade, igualmente as intervenções de Deus desde a Obra da criação, a encarnação do Filho e a obra da Salvação. No entanto, a Bíblia não é de interpretação privada, é o próprio Jesus que a interpreta, mas sobretudo a Igreja é a intérprete autêntica. Tal interpretação se realiza na liturgia, quando se proclama a Palavra na comunidade e nas orações encontramos a interpretação: ‘*lex orandi, lex credendi*’ (a oração corresponde à fé; assim como a Igreja ora, assim manifesta a sua fé).

Em cada sacramento, após a reforma litúrgica, propõe-se uma liturgia da palavra. Mesmo para rezar uma bênção ou celebrar qualquer sacramental, convida-se primeiro a escutar a Palavra de Deus. Mas a Bíblia anuncia sobretudo fatos históricos, não nos quer dar em primeiro lugar uma doutrina, mas quer levar ao ouvinte para um encontro com Deus. Certamente há diversas categorias de textos e cada texto permite diversos graus de interpretação (sentido literal, sentido moral, sentido anagógico, sentido espiritual etc). Alguns textos relatam simplesmente acontecimentos históricos, quando, por exemplo, São Lucas relata o nascimento de Jesus. Ao contrário, São João, chamado também ‘o teólogo’, nos dá uma interpretação do nascimento quando fala no prólogo do seu Evangelho sobre a Encarnação. Assim, a liturgia da Palavra contém também certa interpretação. De modo mais evidente encontramos tais interpretações teológicas nas orações litúrgicas, como damos aqui alguns exemplos:

Bíblia	Missal
Natal: narra o nascimento de Cristo: Lc 1: “deu à luz um filho... e o deitou na manjedoura”; Jo 1: “o Verbo se fez carne”, Mt 1: “Maria, da qual nasceu Jesus”.	Prefácio I de Natal: No mistério da encarnação de vosso Filho, nova luz da vossa glória brilhou para nós. E, reconhecendo a Jesus como Deus visível a nossos olhos, aprendemos a amar nele a divindade que não vemos. Prefácio II: Ele, no mistério do Natal que celebramos, invisível em sua divindade, tornou-se visível em nossa carne. Gerado antes dos tempos, entrou na história do universo... Prefácio III: Por ele realiza-se hoje o maravilhoso encontro que nos dá vida nova em plenitude. No momento em que vosso Filho assume nossa fraqueza, a natureza humana recebe uma incomparável dignidade: ao tornar-se ele um de nós, nós nos tornamos eternos.
1º Dom. da Quaresma: Tentações de Jesus	Prefácio: Jejuando quarenta dias no deserto, Jesus consagrou a observância quaresmal. Desarmando as ciladas do antigo inimigo, ensinou-nos a vencer o fermento da maldade...
2º Dom. da Quaresma: Transfiguração	Prefácio: Tendo predito aos discípulos a própria morte, Jesus lhes mostra, na montanha sagrada, todo o seu esplendor. E com o testemunho da Lei e dos Profetas, simbolizados em Moisés e Elias, nos ensina que, pela Paixão e Cruz, chegará à glória da ressurreição.
Dom. da Páscoa	Prefácio I: Ele é o verdadeiro Cordeiro, que tira o pecado do mundo. Morrendo, destruiu a morte, e ressurgindo, deu-nos a vida.

O atual rito da missa, depois de ter suprimido muitas das antigas apologias ou orações secretas de sacerdotes, introduziu as novas orações para a apresentação dos dons, inspiradas no estilo de bênção judaica, e recuperou as orações sobre o povo e as fórmulas deprecatórias da bênção solene ao final da missa. É típica a forma da oração comum ou dos fiéis, introduzida no rito da missa, mas que faz parte do esquema dialógico de toda liturgia da palavra, que dessa maneira se transforma também em liturgia da oração.

A reforma do Missal Romano foi empreendida no mesmo espírito, como se pode ver, por exemplo, na liturgia da Vigília Pascal, típico da celebração é o discurso à assembleia no início da Liturgia da Palavra:

Com a proclamação solene da Páscoa, entramos agora na noite santa da ressurreição do Senhor. Escutemos em silêncio meditativo a palavra de Deus. Recordemos as maravilhas que Deus realizou para salvar o primeiro Israel e como, no progresso contínuo da história da salvação, no fim dos tempos, enviou seu Filho ao mundo para que, por sua morte e ressurreição, pudesse salvar todos os homens. Ao contemplarmos a grande trajetória desta história santa, rezemos intensamente para que o plano de salvação universal, que Deus começou com Israel, alcance sua plenitude e alcance toda a humanidade por meio do mistério da ressurreição de Jesus Cristo.¹⁹

Seguem as leituras retiradas do AT, com seus respectivos salmos responsoriais. Neles são apresentados os tipos prefigurativos da ação salvífica de Cristo: a boa criação inicial; o sacrifício de Abraão; a passagem do Mar Vermelho; a misericórdia de Deus, prometida através do profeta Isaías; o esplendor da capacidade divina segundo o profeta Baruque; a nova redenção segundo as imagens do profeta Ezequiel. Toda esta tipologia é ilustrada com a linguagem magistral das antigas orações romanas:

Após a leitura de Gn 1,1-2,2: “... non fuisse excellentius, quod initio factus est mundus, quam quod in fine saeculorum Pascha nostrum immolatus est Christus”	“...a criação do mundo, no início dos tempos, não foi obra de maior grandeza que o sacrifício pascal de Cristo na plenitude dos tempos...”;
Gn 22,1-18: “... per paschale sacramentum Abraham... universum, sicut iurasti, gentium effecisti patrem...”	“...pelo mistério pascal, fizeste do teu servo Abraão pai de todas as nações, como prometeste...”;

¹⁹ Vigília Pascal: Introdução à Liturgia da Palavra.

Ex 14,15-15,1: “Deus cuius antiqua miracula etiam nostris temporibus coruscare sentimus, dum quod uni populo a persecutione Pharaonis liberando dexteræ tuæ potentia contulisti, id in salutem gentium per aquam regenerationis operares...”	“também agora, Senhor, vemos brilhar as tuas antigas maravilhas, e assim como em outros tempos manifestaste o teu poder ao libertar um único povo da perseguição do Faraó, hoje tu asseguras a salvação de todas as nações, fazendo com que elas renasçam pelas águas do batismo...”;
Is 54,5-14: “ut, quod priores sancti non dubitaverunt futurum, ecclesia tam magna ex parte iam cognoscat impletum”	“... para que a vossa igreja veja até que ponto tudo o que os patriarcas acreditaram e esperaram já se cumpriu”;
Is 55,1-11: “... Deus, spes unica mundi, qui prophetarum tuorum praeconio praesentium temporum declarasti mysteria...”	“Deus Todo-poderoso e eterno, única esperança do mundo, que anunciaste pela voz dos teus profetas os mistérios dos tempos presentes...”;
Bar 3,9-15. 32-44: “Deus..., respice propitius ad totius ecclesiae sacramentum, et opus salutis humanae perpetuae dispositionis effectum tranquillius operare; totusque mundus experiatur et videat deiecta engi, inveterata renovari et per ipsum Christum redire omnia in integrum, a quo sumpsere principium”	Ó Deus..., olha com bondade para a tua Igreja, sacramento da nova aliança, e, segundo os teus desígnios eternos, leva a cabo a obra da salvação humana; que o mundo inteiro experimente e veja como surge o abatido, o antigo se renova e volta à sua integridade original, através de nosso Senhor Jesus Cristo, de quem tudo procede”;
Ez 36,16-17a. 18-28: “Deus, qui nos ad celebrandum paschale sacramentum utriusque Testamenti paginis instruis, da nobis intelligere misericordiam tuam, ut ex perceptione praesentium munerum firma sit exspectatio futurorum”	“Ó Deus, que para celebrar o mistério pascal nos instruíste com os ensinamentos dos dois testamentos, concede-nos penetrar nos desígnios do teu amor, para que, nós, que recebemos, possamos perceber a esperança de bens futuros”.

As sucessivas leituras do Novo Testamento, tiradas da Carta aos Romanos e dos Evangelhos da Ressurreição, e a eventual administração solene do batismo, ou a renovação das promessas batismais, sublinham então que toda a tipologia do Antigo Testamento se cumpre no mistério pascal de Cristo e na sua atualização nos fiéis, que, através do batismo e da celebração da Eucaristia, são inseridos nesse mistério. O celebrante explica isso com esta exortação:

Irmãos: pelo mistério pascal fomos sepultados com Cristo no batismo, para uma vida nova.

As orações da celebração eucarística repetem este mesmo tema em linguagem lacônica:

... para que, renovados no corpo e na alma, nos entreguemos plenamente ao vosso serviço (coleta); Ouve... a oração do teu povo..., para que a vida nova que nasce destes sacramentos pascais seja, pela tua graça, penhor de vida eterna (sobre as ofertas); ... que nós, que participamos do mesmo sacramento pascal, vivamos sempre unidos no vosso amor (depois da comunhão).

A antífona da Comunhão recorda mais uma vez, com as palavras de 1Cor 5,7, que a celebração tipológica do Cordeiro Pascal encontra seu cumprimento em Cristo, a verdadeira Páscoa:

Pois Cristo, nossa vítima pascal, foi imolado. Celebremos, pois, a Páscoa com os pães ázimos da sinceridade e da verdade.

As orações dos dias seguintes à Páscoa expressam o mesmo sentimento:

...concede a todos aqueles que renasceram na pia batismal viver sempre de acordo com a fé que professaram (Segunda-feira da Oitava, coleta);

... concedei que através da celebração destas festas possamos um dia alcançar a alegria eterna (quarta-feira, coleta);

...concede-nos realizar na vida o que celebramos na fé (Sexta-feira, coleta);

Concedei, Senhor, que a celebração destes mistérios pascais nos encha sempre de alegria, e que a reiterada atualização da nossa redenção seja para nós fonte de alegria incessante (Sábado, sobre as ofertas);

Deus..., que reacendeis a fé do vosso povo com o retorno anual das festas pascais, aumentai em nós os dons da vossa graça, para que possamos compreender melhor as riquezas inestimáveis do batismo que nos purificou, do Espírito que nos fez renascer e do sangue que nos redimiu (Segundo Domingo de Páscoa, Coleta).

VIII. O mistério da cruz – a espiritualidade da cruz contida no Missal

Apenas após a Ressurreição os discípulos, pouco a pouco, começaram compreender o mistério da cruz. Antes o rejeitavam (cf. Mt 16,22; par.). Jesus mesmo deve explicar o mistério da cruz: “Não era necessário que o Filho... padecesse tudo isto?” (Lc 24,26). Apenas São Paulo começa falar sobre o mistério da cruz como “poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,24) e pouco a pouco a Igreja reconhece pela morte de Cristo a “ciência da cruz”. Veremos como os textos do Missal nos apresentam tal ciência da cruz:

1. *Nos prefácios:*

- Prefácio I da Paixão do Senhor (MR 1970, p. 403):

Latim	Português	Inglês	Alemão
Quia per Filii tui salu-tíferam passionem to- tus mundus sensum confi- -tendae tuae maiestatis ac- cepit, dum ine- ffabili crucis potentia iudi- cium mundi et potestas emicat Crucifixi.	O universo inteiro, salvo pela paixão do vosso Filho, pode procla- mar a vossa glória, pois, pelo poder da cruz, resplan- dece de modo admirável o julgamento do mundo e a vi- tória do Cruci- ficado.	The suffering and death of your Son brou- ght life to the whole world, moving our hearts to praise your glory. The power of the cross reveal your judgement on this world and the kin- gship of Christ crucified.	Denn das Leiden deines Sohnes wurde zum Heil für die Welt. Seine Erlösun- gstat bewegt uns deine Größe zu preisen. Im Kreuz enthüllt sich dein Geri- cht, im Kreuz erstrahlt die Ma- cht des Retters, der sich für uns dahingab

Este prefácio leva o título: “O poder da cruz”. Cada tradução é também uma interpretação, que reflete e enriquece o sentido do texto original em latim. No entanto, é o latim que representa melhor a tradição e o autêntico sentido da liturgia romana, porque encontramos estas orações nos antigos sacramentários, nos missais da Idade Média, no Missal Tridentino (MR1570) e no MR1970.

Em cada prefácio podemos sempre juntar o contexto bíblico com as suas respectivas citações. Igualmente se pode encontrar comentários e interpretações dos santos Padres para cada prefácio.

Um contexto bíblico para este prefácio podemos encontrar aqui em Sl 71,9; Is 65,2; Mt 28,8; Jo 9,39; 12,31;33; 16,11; 16,33; Gal 6,14; Col 1,12-14; 1Tes 5,9; Ap 12,10; 22,14.

Encontramos comentários dos Padres que correspondem às orações do Missal, por exemplo:

O admirabilis potentia Crucis, o ineffabilis gloria Passionis, in qua et tribunal Domini, et iudicium mundi et potestas est crucifixi... (Leão Magno, *Sermo* 59,7 (PL 54,341)).

Dominus quoque gloriae ideo contumeliam sustinuit crucis, ut gloriam suam donaret fidelibus suis, sicut ipse testatus est dicens: Et ego claritatem quam dedisti mihi, dedi illis (Jo 17,22) (Fulgentius Ruspensis, Ep. 17 (PL 65,640)). Etc.

• Prefácio da Transfiguração do Senhor

Qui coram electis testibus suam gloriam revelavit, et communem illam cum ceteris corporis formam máximo Splendore perfudit, ut de cordibus discipulorum crucis scandalum tolleretur, et in Totius Ecclesiae corpore declararet implentum quod eius mirabiliter praefulsit in capite.	Ele manifestou sua glória perante as testemunhas que escolhera, e fez resplandecer como sol o seu corpo igual ao nosso para afastar do coração dos discípulos o escândalo da cruz e manifestar deste modo, como cabeça da Igreja, o esplendor que refulgiria em todos os seus membros.
--	--

• Prefácio de Cristo Rei

Iesum Christum, Sacerdotem aeternum et universorum Regem, oleo exsultationis unxisti: ut, seipsum in ara crucis hostiam immaculatam et pacificam offerens, redemptionis humanae sacramenta perageret: et suo subiectis império omnibus creaturis...	Jesus Cristo... Sacerdote eterno e Rei do universo, para que, oferecendo-se na cruz, vítima pura e pacífica, realizasse a redenção dos homens; e submetendo ao seu poder toda criatura, entregou à vossa infinita majestade o reino eterno e universal...
---	---

• Prefácio II da Santíssima Eucaristia

Qui cum Apostolis suis in novissima cena convescens, salu- tiferam crucis memoriam prosequ- turus in saecula, Agnum sine macula se tibi obtulit, perfectae laudis munus acceptum...	Reunido com os apóstolos na úl- tima ceia, para que a memória da Cruz salvadora permanecesse para sempre, ele se ofereceu a vós como Cordeiro sem mancha, e foi rece- bido como sacrifício perfeito...
---	---

• Prefácio na exaltação da Santa Cruz

Quis salutem humani generis in ligno crucis constituisti, ut unde mors oriebatur, inde vita resurge- ret; et, qui in ligno vincebat, in ligno quoque vinceretur...	Pusestes no lenho da cruz a sal- vação da humanidade, para que a vida ressurgisse de onde viera a morte; e o que vencera pela árvore do paraíso, na árvore da cruz fosse vencido... Ou: Na árvore da cruz estabeleces- tes a salvação da humanidade, para que donde viera a morte daí ressur- gisse a vida e aquele que vencera na árvore do paraíso fosse vencido na árvore da cruz.
--	--

• Prefácio comum I

In qua omnia instaurare tibi com- placuit, et de plenitudine eius nos omnes accipere tribuisti. Cum enim in forma Dei esset, exinani- vit semetipsum, ac per sanguinem crucis suae pacificavit universa; unde exaltatus est super omnia et omnibus obtemperantibus sibi factus est causa salutis aeternae.	Nele quisestes reunir todas as coi- sas e a todos destes participar da sua plenitude. Sendo verdadeiro Deus, despojou-se da sua glória e, pelo sangue da sua cruz, trouxe a paz ao mundo inteiro. Elevado acima de toda criatura, tornou-se a fonte da salvação para todos os que fazem a sua vontade.
--	--

• Prefácio ‘in die dedicationis... altaris’

Qui verus Sacerdos veraque effectus hostia, sacrificii, quod ipse in ara crucis tibi obtulit, memoriale nobis praecepit in perpetuum celebrare. Ideo populus tuus hoc erexit altare...	O qual, verdadeiro sacerdote e verdadeira vítima, mandou-nos celebrar continuamente o memorial do sacrifício que te ofereceu no altar da cruz. Por isso teu povo ergueu este altar...
--	---

• Prefácios Pascais

I: Qui oblatione corporis sui, antiqua sacrificia in crucis veritate perfecit, et, seipsum tibi pro nostra salute commendans, idem sacerdos, altare et agnus exhibuit.	I: Pela oblação do seu corpo nos deu na Cruz a plenitude dos sacrificios antigos e, entregando-se a Vós pela nossa salvação, revelou-se ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro.
III: Quia per Filii tui salutiferam passionem sensum confitendae tuae maiestatis totus mundus accepit, dum ineffabili crucis potentia iudicium mundi et potestas emicat Crucifixi.	III: Ele Se oferece continuamente por nós e nos defende com a sua intercessão. Foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto, mas agora vive para sempre.
V: Qui, oblatione corporis sui, antiqua sacrificia in crucis veritate perfecit, et, seipsum tibi pro nostra salute commendans, idem sacerdos, altare et agnus exhibuit.	V: Pela oblação do seu Corpo na cruz, levou à plenitude os sacrificios antigos e, entregando-Se a Vós pela nossa salvação, tornou-Se Ele mesmo o sacerdote, o altar e o cordeiro.

• Prefácio do Domingo II do Tempo Comum

Qui, humanis miseratus erroribus, de Virgine nasci dignatus est. Qui, crucem passus, a perpétua morte nos liberavit, et, a mortuis resurgens, vitam nobis donavit aeternam.	Compadecido dos errados caminhos dos homens, dignou-Se nascer da Virgem Maria; com a sua morte na cruz, livrou-nos da morte eterna; com a sua ressurreição, deu-nos a vida imortal.
---	---

Certamente seria muito importante buscar e estudar a história de cada oração, onde aparece, seja nos antigos sacramentários, nos missais da Idade Média, no Missal Tridentino etc.

2. Nas orações coleta:

[Q539co] Deus, qui pro nobis Filium tuum crucis patibulum subire voluisti, ut inimici a nobis expelleres potestatem, concede nobis famulis tuis, ut resurrectionis gratiam consequamur.	Senhor nosso Deus, que, para nos libertar do poder do inimigo, quisestes que o vosso Filho sofresse o suplício da cruz, concedei aos vossos servos a graça da ressurreição.
[S1515co] Largire nobis, quaesumus, Domine, sapientiam crucis et fortitudinem quibus beatam Ritam ditare dignatus es, ut, in tribulatione cum Christo patientes, paschali eius mysterio intimius participare valeamus.	22/5: Concedei-nos, Senhor, a sabedoria da Cruz e a fortaleza de ânimo com que vos dignastes enriquecer Santa Rita de Cássia, para que, sofrendo com Cristo na tribulação, possamos participar mais intimamente do seu mistério pascal.
[S1536co] Deus, qui per stultitiam crucis eminentem Iesu Christi scientiam beatum Iustinum martyrem mirabiliter docuisti, eius nobis intercessione concede, ut, errorum circumventionem depulsa, fidei firmitatem consequamur.	Senhor nosso Deus, que destes a São Justino, vosso mártir, a graça de encontrar na loucura da cruz a sabedoria incomparável de Jesus Cristo, concedei-nos, por sua intercessão, que, rejeitando os erros que nos rodeiam, mantenhamos sempre a firmeza da fé.
[S1617co] Deus, qui beatam Birgittam per varias vitae semitas duxisti eamque sapientiam crucis in contemplatione passionis Filii tui mirabiliter docuisti, concede nobis, ut, digne in tua vocatione ambulantes, te in omnibus quaerere valeamus.	[A oração não está no missal brasileiro.]

[R2620co] Deus, qui ad Filium tuum in ara crucis exaltatum omnia adtrahere voluisti, caelesti gratia perfunde Ecclesiam tuam hanc tibi dicantem altaris mensam, ad quam fideles tuos, in unum congregatos, provide nutries Spirituque effuso	Domingo de Ramos: Ó Deus, que para salvar a todos dispusestes que o vosso Filho morresse na cruz, a nós que conhecemos na terra este mistério, dai-nos colher no céu os frutos da redenção
[Q520co] Omnipotens sempiterne Deus, qui humano generi, ad imitandum humilitatis exemplum, Salvatorem nostrum carnem sumere, et crucem subire fecisti, concede propitius, ut et patientiae ipsius habere documenta et resurrectionis consortia mereamur.	4ª-feira Semana Santa: Ó Deus, para nos livrar do poder do inimigo, quisestes que vosso Filho padecesse o suplício da cruz; concedeis aos vossos fiéis alcançar a graça da ressurreição.
[S1749co] Deus, qui Filio tuo in cruce exaltato compatientem Matrem astare voluisti, da Ecclesiae tuae, ut, Christi passionis cum ipsa consors effecta, eiusdem resurrectionis particeps esse mereatur.	Ó Deus, quando o vosso Filho foi exaltado, quisestes que sua Mãe estivesse de pé, junto à cruz, sofrendo com ele. Daí a vossa Igreja, unida a Maria na paixão de Cristo, participar da ressurreição do Senhor.

Desta escolha de alguns prefácios e orações coletas poder-se-ia elaborar toda uma obra sobre a ciência da cruz segundo a fé da Igreja. Na última edição do Missal Romano de 2002, encontram-se 79 orações que mencionam o mistério da cruz, no Missal Pós-tridentino MR-1570 encontram-se 46 orações sobre o tema, nos antigos sacramentários, como por exemplo no Sacramentário Gelasiano antigo, encontram-se 32 orações com o tema da cruz.

Toda a espiritualidade da cruz manifesta a atitude humilde do Filho de Deus no mistério da revelação do amor divino, quem foi obediente até a morte na cruz, para salvar a humanidade. A cruz manifesta o “poder de Deus” contra o demônio, autor do pecado e da destruição, o poder da cruz restaura a humanidade no amor humilde, capaz de formar a comunhão dos santos. A cruz transforma a soberba em humildade, torna-se a chave para o novo paraíso no céu. A cruz é o altar onde os santos oferecem seus corpos, seus corações por amor para glorificar Deus. A cruz torna-se fonte

da alegria perpétua. Nas orações a Igreja pede a “sabedoria e a força da cruz” para os fiéis, conforme o vemos na vida dos santos (santa Rita).

As orações do Missal são breves, mas sempre revelam o mais essencial da fé da Igreja. Apresentamos estes exemplos para demonstrar a nossa intenção, de crescer no amor ao Missal Romano como compêndio da nossa fé católica.

IX. A tarefa do Missal hoje

Um dos princípios do movimento litúrgico era dar a conhecer a liturgia aos cristãos e, para atingir esse propósito, os chamados “missais dos fiéis” desempenharam um papel fundamental. Lefèbvre nos países francófonos, ou Schott na língua alemã e Caronti na Itália, sem mencionar outros também amplamente difundidos, permitiram acompanhar a liturgia por meio da tradução dos textos lidos por quem presidia a celebração. E a justaposição do texto latino com sua tradução indica uma preocupação em fazer saber com exatidão o que estava acontecendo na liturgia. Os “Missais dos fiéis” são, em outras palavras, a expressão da consciência dos padres do movimento litúrgico de que somente na medida em que os cristãos tomavam os textos do Missal em suas mãos, liam-nos, conheciam-nos e meditavam-nos, era então possível que eles acesassem o conteúdo da fé celebrada na liturgia e, através do conhecimento do conteúdo, participassem da ação litúrgica para viver plenamente o mistério celebrado. Definir a tarefa do Missal hoje significa, antes de tudo, compreender o papel que ele desempenha no conhecimento dos textos litúrgicos.

Por outras palavras, significa dar primazia à internalização, isto é, à apropriação pessoal do cristão sobre o que é dito e feito na ação litúrgica. Nas últimas décadas, talvez tenha havido muita ênfase na externalização na liturgia, uma externalização que privilegiou a necessidade de expressar sentimentos, de manifestar emoções, na busca de um clima que seja principalmente de encontro e celebração. Hoje nos damos conta, ou talvez redescobrimos, que a liturgia, mais do que a soma das emoções de um grupo humano, é antes de tudo “interiorização”, isto é, acolhimento de uma Palavra que convocou a assembleia e a alimentou para lhe permitir viver o que recebeu.

Para os cristãos, a celebração litúrgica deve tornar-se cada vez mais o lugar e o tempo da interiorização, isto é, da experiência da liturgia como escuta da Palavra, como oração, como verdadeiro encontro com Deus.

Em um olhar lúcido sobre o futuro da liturgia, o teólogo Louis-Marie Chauvet escreveu:

No futuro, a liturgia provavelmente terá que honrar, mais do que fez no passado, a questão expressa por uma tendência cultural bastante geral na esfera religiosa, em favor de uma atmosfera mais orante. Provavelmente também será necessário ter um cuidado especial para evitar a atual questão da “espiritualidade”, que muito provavelmente apresenta várias formas, não conduz gradualmente a um tipo intimista de liturgia. De qualquer forma, em um mundo onde, pelo menos até onde se sabe, não está na moda ser cristão, os fiéis parecem sentir cada vez mais a necessidade de encontrar na liturgia um lugar onde possam se estabelecer ou se restabelecer como “sujeitos” da fé cristã²⁰.

Para ser plenamente o livro de orações da Igreja, o Missal deve voltar a ser o livro de orações de cada cristão e, de modo muito especial, o livro de orações do pastor cujo ministério é presidir a oração da sua comunidade cristã e educá-la na oração. Isso significa abordar assiduamente os textos da oração litúrgica: lê-los, meditá-los, aprofundá-los para internalizá-los profundamente. Aquele que desce às profundezas dos textos litúrgicos permanece ali e se torna homem e cristão profundo. Romano Guardini escreve com razão: “O homem “exterior” pode facilmente sentir que a oração litúrgica não é verdadeira, pois o homem que fala na liturgia é o homem profundo e autêntico.”²¹

Na liturgia o núcleo profundo do cristão é moldado, constituído e solidificado. Afirmar a necessidade de conhecer os textos do Missal não diminui em nada a liturgia em puro objeto de compreensão, não significa realizar um exercício puramente noético e intelectual. Quando os textos da liturgia são assimilados e compreendidos em profundidade, eles se tornam uma fonte de compreensão do mistério que celebram. O propósito da compreensão do texto litúrgico é, na verdade, apenas a obtenção de um relacionamento com Deus. Assim como no início do movimento litúrgico, o Missal continua sendo uma ferramenta privilegiada e decisiva para abordar a atual desconexão entre liturgia e vida eclesial.

O Missal como livro de orações é hoje um instrumento essencial para restabelecer aquela relação autêntica, especialmente nas últimas gerações, entre o que se reza, o que se conhece e o que se vive. Uma relação genuína

²⁰ L.-M. CHAUVET, «*A liturgia do Menor: um ensaio sobre a perspectiva*», em P. de Clerck (ed.), *A liturgia, um lugar teológico*, Paris: Beauchesne 1999, 213.

²¹ R. GUARDINI, *Formação Litúrgica*, 91.

entre o que a liturgia transmite e o que o cristão vive é necessária para a qualidade da fé. Sem a liturgia, a vida cristã corre o risco de derivar constantemente, sobretudo para o individualismo da fé, isto é, para uma crença que, na realidade, nada mais é do que a justaposição de crenças pessoais. A liturgia, como celebração comunitária do ato de fé, previne os cristãos de qualquer forma de subjetivismo e personalismo de fé. Sem uma participação regular na celebração comunitária do ato de fé, a fé fica reduzida a uma gnose que oferece ao cristão uma ideologia espiritual, isto é, um conjunto de representações e significados intelectuais que não estão situados dentro da fé da Igreja. A liturgia, então, não seria mais uma celebração da fé da Igreja, mas um cultivo dos instintos espirituais do homem.

X. *Ars celebrandi*: Como treinar hoje os sacerdotes para a liturgia

O que falamos sobre o uso do Missal, pode dar-se a impressão que fica oposto a certos métodos modernos, ensinados nos seminários, para rezar a liturgia. Certamente, caso não se medite as orações do Missal, pode-se ficar frustrado por causa do seu estilo lacônico e pela brevidade e sobriedade, características da liturgia romana. Alguns buscam mais uma tendência ao estilo oriental, que poderia parecer mais atrativa, dando às orações mais sentimentalismo. Existe certa tendência de treinar para uma oração “livre”, para entusiasmar e chamar mais a atenção dos participantes. Será isto uma solução para aplicar na oração litúrgica?

Os futuros sacerdotes, devem aprender sobretudo o modo correto de orar e treiná-los para que se toque os corações dos fiéis. No entanto, este treinamento não deveria levar para a improvisação, se não, terminaria frequentemente em banalidade. Não se pode alcançar a profundidade das orações litúrgicas pela improvisação. Então que fazer? Em que consiste a arte de celebrar?

Responde-nos o Papa Bento XVI, em um discurso aos sacerdotes em Castel Gandolfo 2009:

Na *ars celebrandi* existem várias dimensões. A primeira é que *celebratio* é oração e conversa com Deus, de Deus para nós e de nós para Deus. Portanto, o primeiro requisito para uma boa celebração é que o padre realmente se envolva nessa conversa. Ao anunciar a Palavra, ele próprio se sente em diálogo com Deus. Ele é um ouvinte da Palavra e um proclamador da Palavra, no sentido de que se torna um instrumento do Senhor e procura

compreender esta palavra de Deus, que deve então transmitir ao povo. Ele está em diálogo com Deus, porque os textos da Santa Missa não são textos teatrais ou algo parecido, mas sim orações, graças às quais, juntamente com a assembleia, falamos com Deus. [...] Por isso é importante entrar nessa discussão. São Bento, na sua ‘Regra’, falando da oração dos Salmos, diz aos monges: “*hominis concorde voci*”. A voz, as palavras precedem nossa mente. Normalmente não é assim. Primeiro devemos pensar e então o pensamento se torna palavra. Mas aqui a palavra vem primeiro. A sagrada liturgia nos dá as palavras; devemos entrar nessas palavras, encontrar harmonia com essa realidade que nos precede. [...] precisamos aprender a entender a estrutura da liturgia e por que ela é articulada dessa forma. A liturgia se desenvolveu ao longo de dois milênios e, mesmo depois da reforma... Na medida em que internalizamos essa estrutura, entendemos essa estrutura, assimilamos as palavras da liturgia, seremos capazes de entrar em harmonia interior, [...] Assim, nossa celebração é realmente celebrar ‘com’ a Igreja: nosso coração se expandiu e não fazemos algo, mas estamos ‘com’ a Igreja em conversa com Deus. Parece-me que as pessoas percebem se estamos realmente em conversa com Deus.

A *ars celebrandi* não pretende convidar para uma espécie de teatro, um espetáculo, mas para uma interioridade. Deve ser pronunciada com interioridade, mas também com a arte de falar. Esclarece o *Sacramentum Caritatis* 40:

É igualmente importante prestar atenção a todas as formas de linguagem previstas pela liturgia: palavras e cantos, gestos e silêncios, movimentos corporais, cores litúrgicas das vestes. De fato, a liturgia tem por natureza uma variedade de formas de comunicação que abrangem todo o ser humano. A simplicidade dos gestos e a sobriedade dos sinais, realizados na ordem e nos momentos previstos, comunicam e atraem mais do que a artificialidade dos acréscimos inoportunos.

A responsabilidade para uma arte celebrativa encontra-se principalmente no sacerdote. Na época, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco), no 1 de março de 2005 insiste na formação dos sacerdotes sobre a arte de orar, de falar e pronunciar, chamando-o ‘*ars dicendi*’:

O sacerdote seja o primeiro a compreender a essência do mistério e depois comunicá-la à comunidade cristã [...] Estou convencido de que poderíamos falar não só de preparação, mas também de atenção aos gestos, à atitude do corpo, à dignidade, àquela liderança humilde, mas incisiva que consiste em fazer com que o povo sinta que ora um homem que sabe rezar a liturgia, que sabe vestir-se não só com as vestes tradicionais, mas sobretudo com a pessoa do Senhor Jesus Cristo. [...] eu chamaria de ‘*ars dicendi*’ [...] a maneira como o padre fala, quando pronuncia os textos prescritos.

Neste caso, ele não fala simplesmente com sua voz privada. Mas sua voz é propriamente o veículo das orações da Igreja e dos fiéis reunidos naquela ocasião. O que ele diz é comunicação e testemunho. [...] *ars dicendi*, isto é, ao modo como o sacerdote pronuncia os textos prescritos, insisto também na variedade de fórmulas facultativas que, de fato, já existem nos livros litúrgicos atuais. Para mim elas são mais que suficientes. Essa possibilidade de escolha aumentou muito desde o Concílio e constitui um fato notável em comparação, por exemplo, com vários ritos orientais. Por isso, o sacerdote deve escolher cuidadosamente entre os textos disponíveis e depois, quanto ao resto, saber fazer uma oração viva da Igreja, levando consigo o povo.

O Papa Francisco com isto quer dizer que se deve usar as orações do Missal e não fabricar novas composições, mas para que toquem os corações dos fiéis, o celebrante deve interiorizar a oração antes de proclamar, para que a oração da igreja torne-se uma manifestação da fé. O problema é que muitas vezes não se escuta ou não se entende o que o sacerdote reza.

O que se deve considerar na formação litúrgica dos sacerdotes? O sacerdote deve ser formado pela liturgia 1) para a oração, 2) para presidência e 3) para a mistagogia.

Uma das condições fundamentais para a fusão da liturgia e da oração é que os sacerdotes tenham trabalhado antes de tudo nessa recomposição em sua própria vida espiritual. A vida espiritual do sacerdote deve ser o lugar onde a liturgia e a oração se encontram, fundam-se e moldam-se. A Liturgia das Horas e especialmente a oração dos salmos, assim como a eucologia do Missal devem ser para os cristãos e sacerdotes a fonte e a norma da sua oração.

Na vida diária, na oração da Liturgia das Horas, o sacerdote aprende a rezar, aprendendo a difícil arte de escutar a Palavra de Deus, de interiorizá-la e de interpretá-la. Romano Guardini escreve: “Uma oração destinada à recitação cotidiana de uma comunidade deve ser indispensavelmente regulada pelas leis da moderação e do reto senso. Qualquer emoção muito veemente ou em tensão contínua traria consigo, quando transbordasse, um duplo perigo; porque [...] pode acontecer que se sintam como se estivessem constrangidos a produzir ou provocar arbitrariamente uma emoção que não experimentam nem têm...”²².

A liturgia deve formar o sacerdote numa oração simples e limpa, que até os simples entendam. A oração litúrgica não deve aspirar parecer

²² R. GUARDINI,, *O espírito da liturgia*, Ed. Lumen Christi, Rio de Janeiro 1942, p. 23.

mais inteligente, ou querer expor altas ideias teológicas, mas deve ser sóbria e essencial. A liturgia ensina uma oração cheia de respeito a Deus e aos outros. A expressão pessoal da oração do sacerdote conservará a sua liberdade em relação aos textos estabelecidos, na medida em que se baseará numa compreensão viva do que está em jogo na liturgia. Somente entra em jogo a espontaneidade autêntica e a sábia criatividade do sacerdote naquelas intervenções necessárias que a presidência litúrgica lhe pede: monições, breves introduções, fórmulas adaptadas a circunstâncias particulares. Porque o Missal não pode prever tudo. O ritual não esgota o rito, assim o sacerdote formado na escola da oração litúrgica, além da liturgia fala de Deus aos homens como na liturgia fala a Deus. Ele terá aprendido a evangelizar rezando na liturgia, porque o padre anuncia o Evangelho enquanto reza.

Cornelius Pfeifer ORC

Bibliografia

- BOSELLI, Goffredo, *El sentido espiritual de la liturgia*, BL 59, CPL, Barcelona 2019.
- CASTELLANO, Jesús (2004). «*El Misal Romano, fuente de espiritualidad*», em: Pastoral Litúrgica 278, 35-43.
- CHAUVET, Luis-Marie, *Símbolo y sacramento. Dimensión constitutiva de la existencia cristiana*, Herder, Barcelona 1991.
- LOVATO, Ma. Francesca Teresa, *Missal Romano. Le orazioni proprie del tempo*. Edizione San Lorenzo, Reggio Emilia 1991.
- PASCHER, Josef, *Die Orationen des Missale Romanum Papst Pauls VI. I: Die Advents- und Weihnachtszeit*, EOS, St. Ottilien 1981.
- SCHUSTER, A. Ildelfonso, *Liber Sacramentorum. Estudio histórico-litúrgico sobre o Missal Romano*, 1-10, Samos, Barcelona 1934ss.
- URTASUN, Cornelio, *Las oraciones del Misal. Escuela de espiritualidad de la Iglesia*. Biblioteca litúrgica 5, CPL, Barcelona 1995.
- WARD, Anthony - JOHNSON Cuthbert, *The prefaces of the Roman Missal. A source compendium with Concordance and Indices*, Tipografia Poliglota Vaticana, Rome 1989.

Índice

Introdução	7
I. O Missal Romano, fonte de espiritualidade	9
II. O uso do Missal	11
III. O Missal e a Escritura	12
IV. O sentido da mistagogia	15
Jesus Cristo, o mistagogo	17
V. Testemunho do vínculo entre “lex orandi” e “lex credendi”	19
VI. O Missal, matriz da oração	20
1. A prece eucarística	22
2. O prefácio	23
3. A eucologia menor	24
4. A oração coleta	25
5. Sobre as oferendas	25
6. Pós-comunhão	26
VII. O Missal como intérprete da Palavra de Deus	28
A liturgia da Palavra	29
VIII. O mistério da cruz – a espiritualidade da cruz contida no Missal	34
1. Nos prefácios:	34
2. Nas orações coleta:	38
IX. A tarefa do Missal hoje	40
X. <i>Ars celebrandi</i>: Como treinar hoje os sacerdotes para a liturgia	42
Bibliografia	45